



Fundação Cuidar o Futuro

PRESENÇA

Fundação Cuidar o Futuro

CAPA DE: MARIA FLÁVIA DE MONSARAZ

presença

JUNHO DE 1960

Redacção: Av. Duque de Loulé, 190, r/c D.
LISBOA

EDITADA PELA J. U. C. F.
FILIADA NA PAX ROMANA

sumário



o dia da eternidade

nota litúrgica

M. R.

janela aberta para outros mundos

A. Carneiro

o que é o movimento por um mundo melhor

S. Marques

a mulher no mundo rural

Maria Luisa Mercês de Mello de Alarcão

para uma descoberta do mun-
operário

Dr.ª Manuela Silva

liberdade e tempo

Maria Idalina Pereira

artes

Margarida Lobo

organizações internacionais
católicas

Dr. Fernando da Silva Marques

dúvidas sobre bíblia

secção dirigida pelo Cónego Gregório Neves

um autor de hoje

Maria Isabel Mendonça Soares

32



O DIA DA ETERNIDADE

A festa da Ressurreição representa o verdadeiro Sabbath, o Dia do Senhor, o Domingo por excelência. E diz Thomas Merton que, nesta perspectiva, esse Domingo não é tanto o primeiro dia da semana, como o oitavo dia ao fim de uma semana de sete dias, o Dia da Eternidade.

O que a festa da Páscoa representa para a nossa vida litúrgica, pode em certa maneira comparar-se àquilo que, no plano humano, se passa com as nossas paragens ao fim de uma jornada no tempo — aquilo a que chamamos férias.

Passou um ano de trabalho, em que os nossos defeitos de certo modo se corrigiram e de certo modo se multiplicaram, em que nos deixámos dominar pela atracção dos minutos concretos e absorver pela falsa urgência de tanto apelo. Trazemos sobre nós o pó dos caminhos estéreos e os olhos fatigados da atenção desnecessária. Semi-consciente, uma sede do Amor que se nos revelou ao longo da jornada, sem que tivéssemos encontrado tempo para O adorar.

Agora é o choque da paragem. A ausência do ritmo cansativo a que tomáramos certo gosto. Nem talvez sensação de cansaço, nem de alegria, nem consciência de coisa alguma, nem sequer o conforto de nos sentirmos despojados. É o momento do grande vazio. O momento que Deus desejou, para o encher da Sua plenitude.

Esquecimento de nós mesmas (esquecimento de que estamos a esquecer-nos). Dádiva generosa aos outros que nos surgem mais realmente como pessoas, desintegradas dos quadros fixos onde os guardáramos todo o ano. Acção de graças pelos dons que Deus distribuiu por todas as almas e pelo ritmo, pela beleza, pela ordem divina da natureza criada.

Como Filhos de Deus.

Férias — o oitavo dia de uma longa semana. O Dia da Contemplação!

Nota
Litúrgica

SALMO 111

*Eu te louvarei, Jahvé, de todo o meu cora-
[ção;
No conselho dos justos e na sua assembleia,
Grandes são as obras de Jahvé.
Dignas de admiração para aqueles que as
[contemplam.
A sua obra é de esplendor e magnificência
E a sua justiça permanece eternamente.
Ele realizou prodígios dignos de memória,
Jahvé mostrou-se bom e misericordioso.
Ele deu alimento àqueles que o temem
E recorda-se eternamente da Sua Aliança.
Ele manifestou ao seu povo, o poder das
[suas obras
E deu-lhes a herança das nações
As obras das suas mãos são de verdade e
[de justiça
E os seus mandamentos são imutáveis
Irrevogáveis pelos séculos dos séculos,
Estabelecidos sobre a verdade e a equidade
Ele enviou a libertação ao seu povo
E estabeleceu para sempre a sua aliança
Santo e terrível é o Seu Nome
O temor de Jahvé é o princípio da sabe-
[doria.
São sábios aqueles que lhe obedecem.
E o seu louvor permanece eternamente.*

O louvor do Senhor, que este Salmo entusiasticamente proclama, é bem a expressão de toda a alegria pascal que a Igreja agora vive, iniciada com o triunfo da Ressurreição e prolongando-se até ao Pentecostes.

Louvamos o Senhor pela grandeza das suas obras. Louvamo-LO porque Ele «se mostrou bom e misericordioso» e «enviou a libertação ao seu povo».

A grande passagem da morte à vida, a transformação da nossa condição de servos na de filhos são bem a expressão dessa libertação alcançada em Cristo, e a prova de que a Sua Aliança existe para a Eternidade.

Não apenas na Semana Pascal, mas durante todo este seu prolongamento o povo cristão vive da Páscoa.

O salmo o anuncia várias vezes: «Ele estabeleceu para sempre a sua aliança»; e por isso «o seu louvor permanece eternamente».

M. R.



Fundação Cuidar o Futuro



LOUVARÃO ETERNAMENTE
TODOS OS POVOS TE

(Ps. 44, 18)

RECORDAR-SE-ÃO
DO TEU NOME
DE GERAÇÃO
EM GERAÇÃO



FÉRIAS

Janela aberta para outros mundos

Há sempre um certo número de coisas que gostaríamos de fazer ou de conhecer, mas que geralmente ficam no campo dos desejos, pois que as matérias do curso e algumas actividades circum-escolares levam todo o tempo.

Mas também é certo que quando as férias vêm, geralmente não as aproveitamos para tomar contacto com novos ramos do saber, na ciência, na arte, na técnica, etc., nem aprofundarmos matérias que estudamos alinhavadamente porque ou não havia mais tempo, ou... era assim que o professor queria.

Dos quatro meses de verão se reservarmos 2 horas por dia para estudo pessoal, teremos 240 horas. Parece-me que é uma porção de tempo suficiente para se fazer qualquer coisa.

Os interesses de cada um variam muito conforme a própria pessoa, e portanto não quero dizer que nós devemos nestas 240 horas fazer isto ou aquilo, mas lembrar-te a ti que muitas vezes gostarias de fazer qualquer coisa, de aproveitar o tempo, mas que quando descobres o que te convinha o tempo já passado — mas lembrar-te dizia eu, algumas coisas e o como se podem e devem fazer.

Durante este tempo livre temos mais possibilidades de ver coisas novas — países, pessoas, realizações, obras — e é bom que não sejamos apenas receptores de imagens, meros turistas, mas que demos um contributo pessoal: ao estímulo recebido juntemos a projecção de nós mesmas. A isto chama-se ver.

A possibilidade mais rica que as férias oferecem é o próprio facto de sairmos do mundo apertado das amigas da Faculdade, de deixarmos as vagas preocupações de paz e justiça social que existem em todos nós, para nos colocar frente a frente com os outros, que pedem uma resposta da nossa parte. Na aldeia, na cidade ou na praia em que estiveres há sempre pessoas que sofrem, que precisam de ti.

Mas os primeiros estão ao teu lado em tua casa.

O ano escolar mesmo no seu aspecto de estudo — aparentemente um debruçar-se sobre qualquer coisa exterior — é ainda um debruçar sobre nós: preparamos o nosso futuro e somos nós que estudamos, nós que sofremos com os insucessos, nós que vencemos, nós que fizemos sacrifício, nós que somos o sujeito que realiza e sofre a acção.

Em férias temos uma ocasião de sair do eu + eu.

Nas nossas relações com a família pensa-se que nos compete falar com a irmã mais velha, oferecer um dia para estar na cozinha, ajudar a mãe. Ora isso são os acidentes. O que é essencial é que em tudo se esteja presente e disponível. Que o nosso eu seja o nosso último problema, e a última exigência.

Muitas de nós aproveitamos estes meses para ler os últimos romances que saíram, ou ler um autor em voga.

Mas chega-se ao fim, sabem-se apenas umas 2 ou 3 histórias que um homem escreveu e não nos detemos sequer no seu significado humano e artístico.

Durante o ano ouvimos muitas vezes falar de certas correntes do pensamento, e todos os dias lhes citamos os nomes, sem todavia ter um mínimo conhecimento do que querem dizer.

Estou-me a lembrar de casos concretos: socialismo, personalismo, existencialismo. Para a maior parte das pessoas existencialismo quer dizer angústia. Mas nunca se deram conta de que há um existencialismo cristão e outro ateu, que não são a mesma coisa, que compreendem o homem de maneira diferente, portanto.

Um tempo mal aproveitado geralmente é o dos serões.

Aproveita esse tempo que é véspera dum dia novo e cúpula de outro acabado para ir mais longe que as aparências. Olha as coisas não como matéria mas como instrumento do Homem para se ultrapassar, como modos de expressão em beleza da sua amargura, como oferta por vezes dum falhanço pessoal.

Podes descobrir a música, a pintura, o cinema, a ciência e o seu progresso, a história do Homem, no fundo.

Não te prendas a embaraços de métodos ou falta de matéria. Aprende a estudar sozinho, a construir-te dentro do teu modo próprio e único de realização. Vence as dificuldades.

Ele depois contempla o que o homem fez dos seus sonhos. Ele se em Outubro te sentires valorizada, se tiveres aproveitado das suas descobertas e dos seus talentos, contribuiste também para a grandeza da Humanidade.

Não deixes portanto que as tuas Férias sejam uma bela paisagem onde os seres das quatro grandezas — mineral, vegetal, animal e o Homem — se encontram à sombra, procurando um lugar abrigado, mas um ponto de partida para um encontro mais certo: o encontro com Deus.

M. CARMO

... não como meros turistas, mas enriquecendo-se na contemplação da obra de arte.



O que é

O movimento por um mundo melhor

Todos conhecemos as circunstâncias difíceis em que decorreu o pontificado de Pio XII. Nele surgiram, ou atingiram um grau de acuidade sem precedentes, crises de vária ordem (ideológica, política, social, etc.), flagelando duramente a família humana. Através de um longo processo de desintegração religiosa, moral e intelectual, chegou-se à negação do próprio Deus: «Cristo, sim; Igreja, não. Depois: Deus, sim; Cristo, não. Finalmente, o grito ímpio: Deus morreu; ou antes: Deus nunca existiu» (Pio XII). Estas negações trariam necessariamente a negação do homem, «a sua perda na irracionalidade da auto-absolutização» (racionalista, marxista ou existencialista — pouco importa). É que, rejeitado o Valor e o Princípio da Ordem, acaba-se na negação dos valores e da própria ordem.

E assim surgiu um mundo estruturado sem Deus na sua economia, no seu direito, na sua política; estranho a Cristo nas suas universidades e escolas, na família, na administração da justiça, na actividade legislativa e nas assembleias de nações; «um mundo que prossegue inconscientemente — «como cortejo macabro de almas mortas ou moribundas» — por caminhos que levam ao bátratro almas e corpos, bons

e maus, civilizações e povos» (Pio XII).

*

Perante situação tão dolorosa, no espírito de Pio XII surgiu e começou a tomar corpo a ideia da necessidade de criar um «mundo novo». Através dos seus discursos e radiomensagens natalícias, o Papa vai falando da «nova sociedade» em gestação e expondo os princípios que deverão dirigi-la. As fórmulas equivalentes multiplicam-se; mas a ideia permanece idêntica: é necessário criar um «mundo novo». Apenas varia o seu enraizamento e o calor com que é expressa. Por vezes, nos lábios do Papa, as palavras chegam a assumir o tom de uma certeza profética: «*Esse dia deve chegar e chegará*, em que a humanidade transviada... ouvirá com renovada esperança o sermão da montanha, do amor e da fraternidade não falaz, contemplando de novo Cristo, luz do mundo, enquanto se apagarão os fogos-fátuos dos falsos profetas».

*

10 de Fevereiro de 1952. Com a autoridade de Chefe supremo da Cristandade, Pio XII proclama, em discurso de

excepcional transcendência, a Cruzada do «mundo melhor». Fora sua a ideia; foi sua a própria expressão, já hoje consagrada. «Um brado de despertar escutais, hoje, dos lábios de vosso Pastor e Pai, de Nós que não podemos podermos ficar mudo e inerte ante um mundo que prossegue inconscientemente pelos caminhos que levam ao báratro almas e corpos, bons e maus, civilizações e povos... O sentimento da Nossa responsabilidade perante Deus reclama de Nós tudo tentar... a fim de que ao género humano seja poupada tão imensa desgraça». «É todo um mundo que é preciso refazer os fundamentos, que é preciso transformar de selvagem em humano, de humano em divino, quer dizer, segundo o coração de Deus».

Empresa difícil, cometimento sobre-humano. Por isso, só a Igreja, Presença histórica sobre-humana, poderá realizá-lo: «De milhões de homens se invoca uma mudança de rota, e olha-se para a Igreja de Cristo como para a timoneira única e eficaz que... pode estar à testa de tão grande empresa...».

Eis por que são tremendas as responsabilidades da Cristandade na hora que decorre. Como Seu Chefe supremo, Pio XII não declina as suas; pelo contrário, assume-as com plena consciência, assemelhando a hora em que o faz àquela em que foi eleito para o supremo pontificado: «Assim como, em dia já agora longínquo, aceitámos, porque a Deus assim aprouve, a pesada cruz do Pontificado, assim também agora Nos submetemos ao árduo ofício de ser, na medida em que o permitam as nossas

fracas forças, arauto de um mundo melhor querido por Deus».

*

Para levar a cabo empresa tão ousada — «refazer o mundo desde os fundamentos», criar um «mundo melhor» — de que o próprio Pio XII se proclama arauto, não basta o esforço generoso de algumas pessoas ou grupos; é precisa uma mobilização de toda a Igreja; «que todos, sem evasões de qualquer sorte, clero e povo, autoridades, famílias e grupos, cada alma em particular, se empenhem na frente da renovação total da vida cristã, na linha da defesa dos valores morais, na realização da justiça social, na reconstrução da ordem cristã...».

Superemos todas as discussões estereis e miúdas que dividem, porque «a hora é de acção», de «realização concreta», «é tempo de sacudir a funesta letargia», «é tempo de que todos os bons, todos os solícitos pelos destinos do mundo, se conheçam e cerrem as suas fileiras; é tempo de despertarmos do sono, pois que está próxima, agora, a nossa salvação». «Oh! se todos os bons se unissem entre si, como estaria próxima a vitória da fraternidade humana e com ela a salvação do mundo!».

Torna-se, além disso, necessária «uma judiciosa disposição das forças disponíveis, um sensato emprego, um ritmo de trabalho correspondente à urgente necessidade de defesa, de conquista, de construção positiva».

Se assim acontecer, «se o poderoso despertar a que hoje nos exortamos for



promovido sem tardança e tenazmente prosseguido, aos nossos olhos será concedido ver voltarem a Cristo não somente as cidades, mas as nações, os continentes, a humanidade inteira».

Portanto, mãos ao arado: mova-vos Deus que isso quer, atraia-vos a nobreza da empresa, estimule-vos a urgência dela...».

*

À face do que fica exposto, o movimento por um mundo melhor aparece-nos como uma mobilização geral de todas as forças católicas em ordem a renovar, em espírito de Igreja, de Corpo Místico, os homens e as estruturas da convivência humana.

Não é mais uma organização ou associação católica a par de outras já existentes na Igreja; se de organização se pretendesse falar, essa seria a mesma Igreja. Trata-se, sim, de um novo movimento, isto é, de um novo ritmo, de um novo espírito, de um novo andamento a imprimir à acção transformante de todas as forças católicas, tornando-as mais aptas a satisfazer as exigências da hora que passa. Trata-se de criar um novo clima que permita e imponha uma pro-

gressiva multiplicação dos homens em filhos de Deus e irmãos entre si, bem como «a reorganização de todas as estruturas de convivência humana em moldes dignos da única grande família humano-divina, de modo que seja sempre cada vez mais fácil alcançar, manter e desenvolver o estado de filhos de Deus, e a própria sociedade como tal possa, na sua divina e mística unidade, glorificar a Deus».

O que caracteriza, pois, a cruzada do mundo melhor, não é tanto a natureza social da meta que se propõe atingir, como sobretudo o meio empregado para lá chegar — *a unidade dinâmica colectiva* a imprimir à actividade de todos os sectores católicos integrados num grande exército conquistador, em ordem à «reapitulação de tudo em Cristo», no reino da caridade biforme.

É por isso que a ideia dogmática, base do movimento por um «mundo melhor», é a doutrina do Corpo Místico de Cristo; e a virtude mais insistentemente inculcada, a caridade unificante, progressivamente unificante até «às alturas da mística, onde o «próximo» já não é próximo, mas a nossa própria vida interior».

S. MARQUES



a mulher no mundo rural

Seria excessivamente pretensioso da nossa parte tentar, em escasso número de linhas, examinar todos os complexos e vastos problemas da mulher no mundo rural português.

E se às limitações de espaço juntarmos ainda as que derivam da nossa própria insuficiência ou falta de recursos — e sinceramente teremos de confessar que muitos são —, veremos deste modo agravadas as condições para sermos nós a pessoa indicada para apresentar na «Presença» umas notas sobre um tema tão sugestivo e rico de lições. No entanto, elas aqui seguem, e que todas vós — queridas universitárias — me perdoem o chamar-vos a atenção tão simplesmente para certos aspectos das condições de vida e de trabalho femininos no «agros» português.

1. A população activa agrícola feminina e seus afazeres principais.

Se é certo não existir coincidência perfeita entre a população feminina que vive no mundo rural e aquela que nesse mesmo meio, como regra, reside e nele se dedica aos trabalhos agrícolas, não é menos verdade ser, entre todas as mulheres, a nossa irmã agricultora aquela que sobremodo define ou caracteriza esse mundo, do qual aliás é, como mulher, a sua componente principal.

Com efeito, de acordo com o Censo da População ao findar do ano de 1950 — e pena é que não haja elementos suficientemente actualizados e rigorosos — eram as seguintes as percentagens das mulheres que, excedendo uma actividade profissio-

nal, se dedicavam ao amanho dos campos ou à criação de gado, por distritos (1):

Distritos	População activa agrícola feminina na Agricultura e Pecuária em % da população activa feminina total
Beja	70,9 %
Viana do Castelo	62,4 »
Portalegre	62,3 »
Évora	60,9 »
Vila Real	60,7 »
Santarém	58,4 »
Viseu	58,0 »
Bragança	56,4 »
Guarda	51,2 »
Castelo Branco	43,8 »
Coimbra	39,6 »
Aveiro	37,3 »
Leiria	35,9 »
Braga	32,7 »
Setúbal	32,2 »
Faro	30,4 »
Porto	12,0 »
Lisboa	6,6 »

Verifica-se assim serem os distritos mais rurais, de que todos nós temos mais ou menos implícito conhecimento (dispensando-nos deste modo de apresentar dados que nos facultassem aprender a ordem de grandeza da sua ruralidade), aqueles onde a mulher agrícola domina a estrutura do trabalho feminino e ajuda a caracterizar com a sua actividade — idêntica ou similar tantas das vezes à do homem — o grau de desenvolvimento desses espaços regionais. E assim os distritos serão agrícolas nuns casos (Beja, Bragança, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Portalegre, Santarém, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu), agrícolas com actividade industrial subordinada, noutros (Castelo Branco e Coimbra), industriais (caso de Aveiro, Braga, Porto e Setúbal) ou caminhando vão já para um tipo evoluído como o de Lisboa.

Mas, retomando um pensamento que então seguíamos, se à população estatisticamente declarada como agrícola nós somássemos ainda todas as mulheres que o mesmo Censo classifica de «camponezas» — isto é, não tendo já propriamente uma

(1) Tomo III, Vol. 1 do Recenseamento Geral da População de 1950.

profissão agrícola mas uma «ocupação», dado que abrange todo o recenseado do sexo feminino que se ocupava nas lides domésticas e que também nas horas vagas trabalhava na agricultura ou se dedicava à pecuária — muitas das quais não temos receio em afirmar que deveriam também ser classificadas como «activas» e portanto somadas às anteriores, seríamos chegados a valores percentuais nitidamente superiores e o panorama tomaria então cores bastante mais carregadas do que aquelas que então se apresentaram.

Difícil se torna caracterizar o seu labor pois que, se de norte a sul do país as mulheres participam nas mais variadas tarefas agrícolas, ajudando o marido, os pais ou os irmãos na própria exploração camponesa quando a possuem, ou granjeando fora, por vezes, um complemento para o magro salário familiar, a sua actividade não deixará de apresentar muito naturalmente, tonalidades diferentes, consoante o tipo de exploração, as culturas dominantes, e os próprios rendimentos da família.

Nas regiões onde predomina a exploração familiar, coincidentes como regra com as zonas de agricultura intensiva e diversificada, a nossa rural — declaradamente «agrícola» ou mais confessadamente «camponesa» — não se limita a medir, dada a simultaneidade de trabalhos domésticos e agrícolas a que tem de sujeitar-se. Ela acorre, ora a um lado ora a outro, com os filhos miudos agarrados às saias, multiplicando o tempo e as forças para com o seu trabalho aumentar, ainda que de forma

nem sempre compensadora, os escassos réditos da família.

Esta lida continua mais se agrava quando, caso frequente nas províncias do Norte e Centro, o homem abandona a Agricultura para procurar além fronteiras ou nas grandes cidades, modo de vida mais remunerador; ou, embora permanecendo na Agricultura, deixa os palmos de terra que possui a cargo da mulher, para ir trabalhar como puro assalariado em explorações patronais. E à mulher, de «há séculos guarda e cultivadora paciente da terra que o homem abandona (2), ficam entregues todos os trabalhos agrícolas, desde o tirar água dos poços com os primitivos engenhos de pau — tarefa extenuante porque executada a braço — à de cavar, corpos dobrados pelo esforço, e de lavrar, de semear e adubar a terra, de sachar e mondar, de colher e respigar, numa série ininterrupta de operações culturais que se vão sucedendo ao longo dos meses para voltarem a repetir-se no ano agrícola que há-de vir.

A Beira Mar vêmo-la ainda partilhar do labor piscícola, alternando a venda do peixe com a apanha e o transporte para as terras das algas e sargaços que as ondas arrastam até à praia, do rapar da caruma nos pinheirais com vista aos fornos de cozido do pão ou para a lareira, às demais tarefas agrícolas que jamais findam.

No interior, perdida entre serranias, vêmo-la também muitas vezes a vigiar os rebanhos, a defendê-lo até contra as lobos que espreitam alguma rês tresmalhada entre os fragedos ou alguma cria apartada de sua mãe, a preparar os queijos como a tecer, nas longas noites de inverno, as mantas e os capuzes com que procura defender-se do rigor dos frios.

A sul, na região alentejana, o ritmo de actividade é forçosamente diferente e, aí, três actividades mais importantes se oferecem às nossas rurais agrícolas: a apanha da azeitona, a monda das searas, a ceifa do trigo e do arroz. Nestes «períodos de ponta» toda a mão-de-obra é pouca, chegando inclusivé a vir de longe, abandonando o lar



(2) Ana de Castro Osório — A Mulher na Agricultura, nas Indústrias e na Administração Municipal, p. 51, tese apresentada ao Congresso Municipal de Évora, 1915. Casa Editora «Para as Crianças», Lisboa.

e muitas vezes a família, a assalariada dos ranchos migratórios. As mulheres, alegrando a paisagem com a policromia dos lenços e seus cantares, esquecem, ou procuram esquecer, por momentos as duras condições de uma existência onde — como tão bem escreveu o Professor Vieira Natividade — «raro sorri uma esperança, onde jamais floresce o supérfluo e onde falta tantas vezes o necessário» (3). E, porque outra alternativa lhes não resta, têm de aceitar baixas condições de remuneração com que procuram saldar dívidas contraídas em períodos de falta de trabalho, ou comprar qualquer peça de enxoval ou vestido para os dias de festa e de mercado.

Mas, se duro é para a assalariada alentejana o rigor do inverno durante a apanha da azeitona ou escaldante o sol do estio a quando das ceifas, bem piores são os longos compassos de espera em que procura trabalho e não o encontra, na vasta charneca, testemunha muda do seu apelo sem resposta.



Ao esboçarmos, em linhas necessariamente gerais dada a heterogeneidade geográfica, humana e sociológica do mundo campesino, algumas tonalidades da actividade feminina, não podemos deixar de suspirar pelo dia em que a camponesa se veja liberta de muitas das tradicionais tarefas e auxiliada pela Revolução Agrícola, veja multiplicado com menos esforço o fruto do seu trabalho ou mesmo deslocada a sua actividade para ocupações mais específicas do seu sexo ou da sua missão na sociedade.

2. O êxodo rural e o envelhecimento da população.

A repartição por grupos de idade que, segundo Sauvy, constitui uma das características mais importantes e ricas de significado da estrutura da população, conduz-nos agora, para o caso da consi-

derada activa agrícola, feminina, a um certo número de conclusões. Entre elas sobressai a de elevadas percentagens de mulheres com mais de 60 anos trabalhando na Agricultura, facto a que não sendo por certo estranho o êxodo agrícola reflecte o baixo nível de vida das massas rurais e a falta de previdência social no mundo campesino.

Para citar apenas aqueles distritos onde o envelhecimento se apresenta mais avançado, temos Viana do Castelo em que quase 27% do elemento feminino declarado activo na agricultura possui idade superior a 60 anos, Viseu com 23,9%, Guarda com 23,3, Aveiro e Faro com 23,1 e 22,9 respectivamente.

A proximidade, com forte poder sugestivo, de importantes centros urbanos ou de regiões industrializadas, a abertura de vias de comunicação diminuindo as distâncias e as barreiras outrora existentes entre o Campo e a Cidade e trazendo até ele o sopro de ideias novas e de coisas raras; a influência do exemplo de companheiras mais velhas; o eco que lhe chega de uma vida diferente, menos trabalhosa porventura, e como regra melhor remunerada — todos estes factos, e muitos mais, não deixam de exercer na jovem rural, desde bem cedo, forte atracção para tomar novos rumos.

Em troca que oferece à mulher camponesa o mundo rural?

Poucos são os momentos de lazer que aí encontrar as tarefas... tarefas se sucedem, sem horários de trabalho que se cumpram, sem contrato de prestação de serviço que a defenda, sem férias pagas, sem assistência médica na doença nem defesa na velhice, desemprego ou invalidez, sem abonos de família — ela que é rica somente de filhos tantas vezes...

A dureza do trabalho agrícola a que a mulher campesina se entrega da adolescência ao dobre de finados (13.691 jovens dos 12 aos 14 anos e 26.147 mulheres com 65 e mais anos — e sabe-se lá quantas estes números nos escondem — declaram-se activas na profissão agrícola para o Continente), vêm juntar-se ainda, como se aquela já não bastasse, as fracas condições de habitação, sem um mínimo de comodidades que alivie o trabalho da mulher dentro do lar e, pior do que isto, sem a higiene necessária a todo o ser humano.

Mas não são estas somente as causas que levam

(3) J. Vieira Natividade — A mulher no fomento da fruticultura, p. 3, in Boletim da Junta Nacional das Frutas, Ano V, N.º X, 1946.



as mulheres, e principalmente as raparigas, a abandonarem o Campo.

A ansia de liberdade por vezes, o desejo de distrações que o mundo rural bem pouco pode ainda proporcionar e a ideia de que, longe da família, poderão facilmente juntar algum dinheiro para o enriquecimento do bragal ou compra de qualquer enfeite de ouro, constituem também fortes tentações a solicitar o êxodo rural. Por outro lado, o desejo de aprofundarem os escassos conhecimentos recebidos na escola primária, a possibilidade de na Cidade usufruírem de uma vida social mais intensa, como ainda a pretensão de arranjamem noivo que as não prenda à terra como ficaram as mães, precocemente envelhecidas pela labuta do dia a dia, mais radicam na jovem rural o desejo de partir.

Por último, imperativos de natureza económica forçam as rurais agrícolas portuguesas a ingressarem noutros ramos de actividade contribuindo assim com o seu salário para o aumento do reduzido pecúlio de uma família, quantas vezes numerosa, que ao Campo se dá com amor e carinho.

3. A mulher e a habitação.

O ambiente em que se vive, e de um modo particular a casa, além de traduzir de certo modo as condições de vida familiar, tem para o caso da mulher, especial significação, podendo mesmo servir de índice revelador da sua própria situação moral e material.

Com o decorrer dos anos, o Progresso tende a transformar o papel passivo de simples abrigo e defesa que durante séculos a habitação revestiu, no papel «activo» — assim lhe chama Fourastié — de prestar serviços, proporcionando ao mesmo tempo um ambiente confortável e acolhedor.

Porém, só muito lentamente os benefícios do Progresso atingem os sectores mais desprotegidos da comunidade humana, e assim, no mundo rural, tem a habitação permanecido através dos tempos em condições crónicamente inferiores às do mundo urbano, onde a evolução se processa em ritmo muito mais acelerado no que se refere ao conforto, higiene e eficiência da habitação.

Ainda hoje entre nós, com certa frequência, uma única divisão chega para abrigar todos os membros do agregado familiar, e ao ambiente já

quais já hoje não merecem ou não deveriam merecer verdadeiramente a designação de «comodidades». Em contrapartida, e conforme se pode concluir ainda do quadro apresentado, nos distritos agrícolas o problema reveste aspectos muito graves e pobres, não dispondo inúmeras famílias das mais elementares condições de higiene e salubridade habitacionais.

Fazendo incidir o nosso exame ao nível dos concelhos, o que evidentemente nos possibilita um estudo geográfico mais minucioso, e detendo-nos apenas em duas das rubricas que mais marcadamente parecem influenciar o dia a dia da mulher camponesa, revelam-nos os dados estatísticos panoramas como estes:

Mais de $\frac{3}{4}$ partes das famílias ocupando um fogo não dispõem de água canalizada no domicílio viciado pela respiração e pelo fumo da lareira que não encontra outro meio de se escoar senão as frinchas das telhas, um postigo perdido na vastidão das paredes ou a porta baixa e estreita, vem juntar-se, não raramente, o bafo dos animais e o cheiro dos estrumes em fermentação no estábulo vizinho ou no piso inferior, quando não é no próprio local...

Condições de falta de higiene e desconforto saltam-nos à vista, ferem-nos o coração, ao percorrermos muitas das nossas aldeias, ao determos a observar inúmeras casas dispersas pelos nossos campos. Ainda hoje, infelizmente, cremos não terem perdido muito da sua actualidade as palavras que, a propósito da casa rural, escreveu o Engenheiro Agrónomo Botelho de Macedo:

«O chão é geralmente em terra batida, o espaço, a luz e o ar puro são insuficientes, muitas vezes não há chaminé para eliminar o fumo, o tecto são as telhas, não há nenhuma protecção contra a humidade, não há água corrente, lavatório, esgotos, luz eléctrica, por outras palavras há uma falta completa das mais pequenas comodidades» (4).

Mas não nos antecipemos e meditemos nos números que melhor do que quaisquer outros elementos nós elucidam sobre o modo como são satis-

(4) Botelho de Macedo — Rural Housing, p. 187, in «Report of the Meeting held in Lisbon with technicians from the F.A.O. in Europe», 1949, ciclostilo. Comissão Nacional da F.A.O., Lisboa.



feitas certas «comodidades domésticas» e «condições sanitárias» (designações usadas pela Estatística, no «Inquérito às Condições de Habitação da Família» realizado em 1950 e integrado no último Recenseamento Geral da População).

Limitando-nos à situação das famílias do Continente ocupando um fogo, para as quais é possível dispor de dados mais completos, apresentamos no quadro seguinte o panorama dos diferentes distritos (5).

lações agrícolas as que mais desfavorecidas se encontram quanto ao abastecimento domiciliário de água canalizada. Daí o podermos imediatamente ajuizar dos trabalhos e cansaças a que se vê submetida a mulher agrícola portuguesa: a caminho da fonte ou fontanário da aldeia, nuns casos, a fazer mergulhar o balde de folha nos poços, revestidos de pedra ensolsa, de adobes ou tão somente da própria terra, noutros.

Por outro lado, se para lavar a roupa do agre-

Distritos	Famílias ocupando um fogo sem					
	Cozinha	Retrete	Casa de banho	Electricidade	Água	Fossa e esgotos
Aveiro	1,6	38,3	94,0	66,4	90,6	62,5
Beja	16,4	93,5	97,5	92,5	96,1	91,0
Braga	1,2	27,2	95,5	82,6	91,3	54,7
Bragança	1,8	95,2	98,2	95,9	95,6	95,3
Castelo Branco	3,4	92,0	96,4	89,1	92,9	91,0
Coimbra	1,3	79,9	94,6	81,0	90,0	81,4
Évora	10,0	88,3	94,9	87,3	84,7	78,7
Faro	8,6	84,6	94,3	87,1	87,4	72,1
Guarda	2,2	94,7	98,0	88,9	93,8	95,0
Leiria	1,6	84,7	96,0	88,3	92,5	98,3
Lisboa	3,1	37,7	64,7	39,1	41,1	27,7
Portalegre	2,5	91,5	96,5	83,6	85,7	75,2
Porto	1,9	21,9	85,0	55,4	77,1	35,9
Santarém	6,4	87,6	95,2	88,1	89,9	84,3
Setúbal	9,0	75,6	89,7	73,8	69,2	60,7
Viana do Castelo	1,1	45,2	96,7	85,1	93,3	74,7
Vila Real	4,6	84,0	97,1	90,7	94,6	88,3
Viseu	2,0	76,5	97,1	90,3	94,7	88,9



Para não insistirmos demasiado na mesma tecla diremos desde já que são as unidades administrativas de estrutura económica mais evoluídas as que, como regra, apresentam populações mais enriquecidas em «comodidades domésticas», muitas das em 245 concelhos, dos quais 181 se identificam, segundo a classificação proposta por Pierre George, como espaços de estrutura económica caracteristicamente «agrícola» e 32 como «agrícolas com actividade industrial subordinada».

Parece assim poder concluir-se serem as popu-

gado familiar a mulher camponesa poderá, nos casos mais favoráveis, recorrer a lavadouros públicos, noutros, que são infelizmente ainda bem frequentes, ter-se-á de contentar em descer aos rios e ribeiros e aí, de pernas mergulhadas na água ou de joelhos na areia, ir esfregando numa pedra lisa a roupa da semana, que é depois torcida e posta a corar ao sol.

Aos problemas da carência de água e da sua contaminação por agentes patogénicos ou sujidades vêm ainda juntar-se o das distâncias e das cargas que mulheres e raparigas se vêm obrigadas a trans-

(5) Inquérito às Condições de Habitação da Família, 1950, I.N.E., Lisboa.

(Continua na página 27)



Para uma de

«La vie ouvrière est dure, la peine ouvrière est lourde, mais l'extérieur il est jusque impossible de s'en faire une idée juste. Bourgeois, patrons et cadres, étudiants et intellectuels sont donc excusables de ne pas le savoir. Il faut avoir vécu cette vie, il faut avoir communiqué a cette peine pour réaliser l' une et l' autre. Mais le monde bourgeois n'a pas d' excuse quand il ne cherche pas à découvrir, à travers les intéressés eux-mêmes, ce qu'est leur vie et quelles conséquences elle a».
(Michèle Arment - Les dialogues de la vie ouvrière)

1.

Se quisermos ser sinceros, teremos de concordar que, para nós, o mundo operário é, porventura, mais desconhecido e inacessível que as misteriosas e antigas civilizações orientais e, de certeza, mais obscuro e inatingível do que a vida em outros países da Europa e da América. Nesta época de combóios-foguete e aviões a jacto, as distâncias foram substancialmente reduzidas e desta sorte tornou-se relativamente fácil um conhecimento e aproximação entre povos de situação geográfica diferente.

Para esta aproximação, têm contribuído, sem dúvida, os múltiplos pretextos

de encontros em plano internacional. Quantos de nós já teremos participado, por exemplo, num encontro de Pax Romana, num curso de férias no estrangeiro e tido assim ocasião para contactar com gente de todo o mundo e, em pouco tempo, comungar, quase insensivelmente, às vezes, com modos de pensar e sentir diversos dos nossos.

A tendência para uma progressiva aproximação entre os povos, em plano internacional, não deve, contudo, fazer-nos esquecer que igualmente se impõe uma aproximação e convívio com os homens de outros meios sociais. E não se pense que serão menos enriquecedores estes contactos ou menos sensacionais as descobertas a fazer neste campo. Não se julgue tão pouco que se trata de tarefa fácil.

É aos indivíduos dos meios socialmente mais evoluídos que cabe dar o primeiro passo para que o diálogo se torne possível.

2.

Quando o «Frère Dominique» de Jeanné au Bûcher de Claudel quer entender, até ao fundo, como fora possível todo o mistério de vida de «Jeanné» e lho pergunta, ela não lhe esconde que a compreensão absoluta, lhe é inacessível. «Mais pour que tu comprennes l'épée, frère tondu, il faudrait que tu sois une petite fille Lorraine! Je peux pas te prendre la main et t'amener avec nous pour chanter avec Aubin et Rufin!»

Descoberta do mundo operário

pela Dr.^a MANUELA SILVA

Também de nós se pode dizer: como havemos de entender o mundo operário? Se não podemos voltar atrás e nascer numa família onde a mãe trabalha, de manhã à noite, na fábrica; onde o pai gasta, fora de casa, sem conforto, os seus escassos tempos livres; onde as zangas são frequentes (casa onde não há pão...); onde falta a higiene e um mínimo de comodidades; onde o baixo nível de instrução não proporciona a visão superior e o domínio dos acontecimentos; onde a moral cede terreno perante pressões exteriores mais fortes; onde a Fé e a prática religiosa se perderam entre condições de vida aquém humanas... a enumeração poderia continuar!

3.

Reconheçamos, pois, a dificuldade própria deste tipo de compreensão e esforçemo-nos, lealmente, por, ao encontrar os obstáculos, não os ignorar ou esconder, mas antes os aceitar. Esta é já uma primeira condição de sucesso: querer aceitar a realidade e não se contentar com uma sua imagem feita a nosso gosto. Que esta atitude de profundo realismo nem sempre é fácil, provam-no sobejamente, alguns exemplos correntes.

Quantas vezes se ouve dizer a propósito da situação da classe operária: «mas afinal os operários já não ganham nada mal» e com esta pseudo-constatação se procura iludir um problema complexo de satisfação material mas tam-

bém psicológico e moral de toda uma classe. Sucede até porém, que a constatação apresentada carece de fundamentação real. Não há como recorrer aos números para deixar que uma visão objectiva se imponha. A média dos salários masculinos (os das mulheres são, em regra, bastante inferiores) dos operários não especializados andarão pelos 30 a 40 escudos. Recorde-se que, nesta categoria, se pode encontrar um operário toda a sua vida, sem promoção; vendo-se que, dada a falta de instrução e qualificação profissional da população portuguesa é no grupo dos indiferenciados que se conta a maioria dos trabalhadores da indústria. Ora, um salário de 30 ou 40 escudos equivale a uma remuneração mensal (é ao mês que estamos habituadas a fazer as nossas contas) de 800 a 1.000 escudos (o domingo não é remunerado para os trabalhadores assalariados). Deste montante, há ainda a deduzir os dias de doença, de inlabor da empresa ou de desemprego, situações mais frequentes do que seria para desejar.

O trabalho de mulheres e de todos os filhos chegada a idade mínima para admissão torna-se assim uma necessidade imperiosa; tão imperiosa que não há lugar sequer para considerar a missão da mulher e a adaptação das tarefas à sua natureza e vocação própria nem a orientação profissional e aproveitamento máximo dos talentos e aptidões de cada filho. Apenas, a aceitação da primeira oportunidade que aparece se im-





Para uma descoberta do mundo operário

pela Dr.^a MANUELA SILVA

«La vie ouvrière est dure, la peine ouvrière est lourde, mais l'extérieur il est jusque impossible de s'en faire une idée juste. Bourgeois, patrons et cadres, étudiants et intellectuels sont donc excusables de ne pas le savoir. Il faut avoir vécu cette vie, il faut avoir communiqué a cette peine pour réaliser l' une et l' autre. Mais le monde bourgeois n'a pas d' excuse quand il ne cherche pas à découvrir, à travers les intéressés eux-mêmes, ce qu'est leur vie et quelles conséquences elle a». (Michèle Aumont—Les dialogues de la vie ouvrière)

1.

Se quisermos ser sinceros, teremos de concordar que, para nós, o mundo operário é, porventura, mais desconhecido e inacessível que as misteriosas e antigas civilizações orientais e, de certeza, mais obscuro e inatingível do que a vida em outros países da Europa e da América. Nesta época de combóios-foguete e aviões a jacto, as distâncias foram substancialmente reduzidas e desta sorte tornou-se relativamente fácil um conhecimento e aproximação entre povos de situação geográfica diferente.

Para esta aproximação, têm contribuído, sem dúvida, os múltiplos pretextos

de encontros em plano internacional. Quantos de nós já teremos participado, por exemplo, num encontro de Pax Romana, num curso de férias no estrangeiro e tido assim ocasião para contactar com gente de todo o mundo e, em pouco tempo, comungar, quase insensivelmente, às vezes, com modos de pensar e sentir diversos dos nossos.

A tendência para uma progressiva aproximação entre os povos, em plano internacional, não deve, contudo, fazer-nos esquecer que igualmente se impõe uma aproximação e convívio com os homens de outros meios sociais. E não se pense que serão menos enriquecedores estes contactos ou menos sensacionais as descobertas a fazer neste campo. Não se julgue tão pouco que se trata de tarefa fácil.

É aos indivíduos dos meios socialmente mais evoluídos que cabe dar o primeiro passo para que o diálogo se torne possível.

2.

Quando o «Frère Dominique» de Jeanne au Bûcher de Claudel quer entender, até ao fundo, como fora possível todo o mistério de vida de «Jeanne» e lho pergunta, ela não lhe esconde que a compreensão absoluta, lhe é inacessível. «Mais pour que tu comprennes l'épée, frère tondu, il faudrait que tu sois une petite fille Lorraine! Je peux pas te prendre la main et t'amener avec nous pour chanter avec Aubin et Rufin!»

Também de nós se pode dizer: como havemos de entender o mundo operário? Se não podemos voltar atrás e nascer numa família onde a mãe trabalha, de manhã à noite, na fábrica; onde o pai gasta, fora de casa, sem conforto, os seus escassos tempos livres; onde as zangas são frequentes (casa onde não há pão...); onde falta a higiene e um mínimo de comodidades; onde o baixo nível de instrução não proporciona a visão superior e o domínio dos acontecimentos; onde a moral cede terreno perante pressões exteriores mais fortes; onde a Fé e a prática religiosa se perderam entre condições de vida aquém humanas... a enumeração poderia continuar!

Fundação Cuidar é Futuro

Reconheçamos, pois, a dificuldade própria deste tipo de compreensão e esforçemo-nos, lealmente, por, ao encontrar os obstáculos, não os ignorar ou esconder, mas antes os aceitar. Esta é já uma primeira condição de sucesso: querer aceitar a realidade e não se contentar com uma sua imagem feita a nosso gosto. Que esta atitude de profundo realismo nem sempre é fácil, provam-no sobejamente, alguns exemplos correntes.

Quantas vezes se ouve dizer a propósito da situação da classe operária: «mas afinal os operários já não ganham nada mal» e com esta pseudo-constatação se procura iludir um problema complexo de satisfação material mas tam-

bém psicológico e moral de toda uma classe. Sucede até porém, que a constatação apresentada carece de fundamentação real. Não há como recorrer aos números para deixar que uma visão objectiva se imponha. A média dos salários masculinos (os das mulheres são, em regra, bastante inferiores) dos operários não especializados andarão pelos 30 a 40 escudos. Recorde-se que, nesta categoria, se pode encontrar um operário toda a sua vida, sem promoção; vendo-se que, dada a falta de instrução e qualificação profissional da população portuguesa é no grupo dos indiferenciados que se conta a maioria dos trabalhadores da indústria. Ora, um salário de 30 ou 40 escudos equivale a uma remuneração mensal (é ao mês que estamos habituadas a fazer as nossas contas) de 800 a 1.000 escudos (o domingo não é remunerado para os trabalhadores assalariados). Deste montante, há ainda a deduzir os dias de doença, de inlabor da empresa ou de desemprego, situações mais frequentes do que seria para desejar.

O trabalho de mulheres e de todos os filhos chegada a idade mínima para admissão torna-se assim uma necessidade imperiosa; tão imperiosa que não há lugar sequer para considerar a missão da mulher e a adaptação das tarefas à sua natureza e vocação própria nem a orientação profissional e aproveitamento máximo dos talentos e aptidões de cada filho. Apenas, a aceitação da primeira oportunidade que aparece se im-



põe como força cega. É ainda por causa deste apertado condicionalismo económico (os operários sabem como é difícil arranjar emprego) que, muitas vezes, suportam, durante largo tempo, situações de manifesta injustiça ou flagrante falta de cumprimento da lei ou ainda consentem em situações de imoralidade.

As condições de trabalho industrial, apesar do esforço feito em alguns domínios, ainda hoje, na generalidade das empresas, estão longe de concorrer para uma dignificação do trabalhador. A monotonia das tarefas, a sujeição ao ritmo e barulho das máquinas, a imposição de condicionalismos vários constituem uma gama de factores que não só impedem que a personalidade do operário se enriqueça e desenvolva no trabalho, como concorrem até para o seu atrofiamento.

Também quanto a esta situação se ouve dizer, com frequência, que os operários acabam por se lhe adaptarem e passa-se por cima com uma certa insensibilidade. Ora, se é verdade que a natureza humana dispõe de recursos de adaptação formidáveis, não deve contudo esquecer-se que tal adaptação não pode ser feita quando as condições exteriores ultrapassam determinados limites de hostilidade e que, por outro lado, ao que se chama adaptação melhor convirá designar, muitas vezes, por amputações sérias na personalidade nas quais se não deveria consentir pelo menos de ânimo leve.

Tão importantes como a situação material no trabalho são as relações que se estabelecem entre operários e gerentes ou quem os represente (pessoal dos quadros superiores e intermédios). Às vezes, é aqui, ainda mais do que nas

condições materiais, que têm origem os focos de tensão ou conflito declarado entre o trabalhador e a empresa. Porque não é tratado com justiça, porque não é considerado nem respeitado como pessoa, porque o seu trabalho e o seu esforço não são devidamente recompensados, porque se lhe esconde a vida da empresa e o consideram um intruso, o operário, por compreensível reacção, volta-se contra a empresa e contra o patrão, procurando colocar-se numa posição defensiva, quando não de declarada hostilidade. Certos patrões classificam atitudes semelhantes como «ingratidão» ou «espírito de revolta». Também esta é uma visão demasiado suspeita e denota o propósito de querer fugir à objectividade.

4.

O mundo operário não ficará conhecido se unicamente nos confinarmos à situação do homem no trabalho. Há que igualmente procurar entrar na sua vida de família, nas suas relações de vizinhança, nos grupos desportivos ou culturais de que faz parte, etc. e há que debruçarmo-nos também sobre a sua história.

A chamada crise de habitação afecta consideravelmente a população dos meios operários, como bem se compreende, sabendo-se já o nível médio das suas remunerações. As famílias que vivem nas barracas dos Olivais não são apenas de indigentes e desempregados, como seria lógico pensar; muitos operários das fábricas de lanifícios e outras que se estendem ao longo da Avenida Infante Dom Henrique lá moram. Mesmo sem destacar casos extremos, não é muito



reconfortante a situação geral: famílias inteiras vivendo num quarto ou, se, em casa própria, com um ou mais hóspedes para ajudarem a pagar a renda; espaços acanhados; falta de um mínimo de higiene, ainda sem água e sem luz; promiscuidade; tal é o ambiente onde o operário vai prolongar o seu dia, já duro, de trabalho. Acresce que a ausência forçada da mulher do lar, pelos motivos expostos, tornará ainda mais sombrio o ambiente familiar. É nele, porém, que cresce e se forma uma nova geração...

É justo reconhecer que alguns esforços se têm vindo a fazer por parte da Administração e de alguns particulares em ordem a uma melhoria; todavia o seu ritmo é ainda insuficiente para fazer face à situação. Não se pense também que se trata da tarefa a atribuir unicamente ao Estado, quando é certo que, por uma razão ou outra, (e até, simplesmente, porque de nós depende a criação de uma mentalidade nova...) também temos parte da responsabilidade na solução destes problemas.

Começámos por falar em encontro, em diálogo, portanto, e outra coisa não fizemos até agora, senão falar de condições materiais de vida. É certo que elas lá estão, dia a dia, a marcar toda uma classe de homens, a influenciar o seu comportamento, a criar sentimentos e a sugerir ideias, a comandar atitudes, e formar mentalidades. Elas constituem, portanto, uma condicionante do diálogo. Mas não esqueçamos que elas se encaixam no tempo, se inserem na história. É preciso remontar ao princípio da industrialização, com os seus abusos desmedidos, a ausência, na época, de qual-

quer protecção por parte do Estado para melhor compreender o homem do meio operário, nos seus complexos, nas suas secretas aspirações e também na sua desconfiança perante os homens de outras classes. A recorrência à história preparará também uma mais real compreensão.

5.

Eis, em breve apontamento, alguns dos aspectos que podem servir para uma primeira reflexão sobre o meio operário, para uma primeira plataforma de encontro.

Mas para que o diálogo possa ter início importa ainda a aceitação de algumas verdades essenciais que andam habitualmente arredadas do modo de pensar burguês: o valor eminente de cada homem, o direito de todos aos bens e ao progresso material, a solidariedade, como princípio de organização social, o direito à instrução e cultura. A esta concepção humana, a Fé vem acrescentar que cada homem é a imagem de Deus, sinal e presença do seu Amor, que cada homem vale a morte de Cristo, que os homens são todos irmãos, que a cidade terrestre deve reflectir já os os bens de Jerusalém celeste.

.....

Vem-me insistentemente aos ouvidos a pergunta de Deus a Caim «Que fizeste do teu irmão?»

Aqui a deixo neste começo de férias e ao abordar alguns temas para uma reflexão e encontro com o meio operário.



Foi, talvez, por acaso, que ao percorrer a obra de alguns poetas portugueses do nosso século me fixei numa nota que, sem constituir para muitos deles característica essencial, me levou, no entanto, a repor o problema da nossa situação frente à vida que nos é entregue.

Versos como:

Vem ver a vida
Passar silenciosamente
Como a ave no ar claro.

de Ruy Cinatti, ou

Os anos passaram
e eu que fiz da vida?
Escorreu-me dos dedos
como água perdida.

de João José Cochofel, apesar da diferença de tom que separa os dois autores e da intenção do primeiro de irradiar uma mensagem que sintetiza na palavra «Disponibilidade» por ele escolhida para título da poesia causam-me sempre uma certa apreensão. É que tenho medo que este encarar simbólico da nossa vida como elemento fluido que agora se agarra e logo se deixa escorrer dos dedos possa traduzir uma realidade de demissão perante a responsabilidade que temos de captar esse fio de água e encontrar para ele um caminho à nossa escolha. Olhar para a vida como se olha para a água que desliza, sabendo que as podemos apreender como reais porque nos são fisicamente sensíveis, mas que é impossível colá-las a nós e imprimir-lhes a nossa orientação, pode fazer-nos esquecer que a liberdade que nos é concedida nos cria a exigência de sermos nós a força constante que encaminha a brisa ou movimenta a água.

É evidente, sobretudo no caso do segundo grupo de versos que citei, que, por parte do poeta, essa demissão parece não ter sido consciente e nós sentimos implícita em cada palavra, a sua tristeza perante o facto consumado. Afigura-se-me, no entanto, que o processo cristão de captar estas mensagens, tem de manifestar-se através de uma atitude de despertar urgente para a nossa situação de responsáveis pela valorização de um dom que nos foi entregue e pelo qual temos de saber responder, com atitudes que sejam um índice de que nos não demittimos da responsabilidade de sermos nós a moldar, conscientemente, o nosso próprio destino. E o que verdadeiramente importa é que sejamos capazes de assumir a posição activa, de quem é cristãmente livre, não só nas grandes decisões, porque essas, comprometendo para a vida inteira, pesam em geral demasiado para que a escolha que fazemos possa ser imotivada, mas também e, talvez, especialmente no modo de aproveitar aquelas horas do nosso tempo cristão que não estão dependentes de qualquer condicionalismo externo, antes totalmente são entregues à nossa liberdade de opção para cada momento.

Relembro, como particularmente rica de conteúdo, aquela frase do Padre Manuel Antunes no ensaio Humanismo e Esperança Cristã: «... o cristão é o homem que, tendo escolhido uma vez Deus, volta a escolhê-lo todas as vezes que uma nova opção se lhe depara». E relembro-a neste ponto preciso de uma cadeia de reflexões com base na nossa condição de modeladores do tempo que nos é oferecido, porque o sinal positivo com que temos de marcar todos os instantes da nossa vida, e entre eles, talvez como mais importantes que os outros, aqueles para que encontramos o denominador comum de tempos livres, mais do que no estabelecimento de longos e pormenorizados planos, temos de descobri-lo numa atitude de fidelidade à grande escolha que o cristão fez. É esta atitude de fidelidade consciente a um compromisso anterior que, mesmo sem o auxílio de programas pré-organizados, conduz necessariamente ao encontro daquilo que é, de facto, o essencial para um dado momento da nossa vida. Essencial que varia de hora para hora, que pode centrar-se na valorização cultural ou andar à roda de um estreitamento de contactos

liberdade e tempo





humanos, que pode exigir uma quebra de actividade para o exterior ou impor um ritmo agitado de vida. Essencial que é incompatível com o abandono às sugestões das tendências cristãmente menos válidas, se opõe ao afrouxar do domínio que sobre nós próprios, a cada passo, temos de exercer e se recusa a aceitar como legítima a imersão em bloco no marulhar do mundo exterior, pelo que ela necessariamente significa de fuga ao mundo interior, por que somos responsáveis. O simples facto de termos escolhido existir como cristãos impôr-nos, para cada instante, uma forma própria de nos manifestarmos e, por isso, um comportamento que, conquanto por espaços de tempo limitados, pareça assentar num esquecimento de que há que optar sempre por aquilo que está mais de acordo com a nossa primitiva escolha, é, afinal, uma negação directa da responsabilidade contraída.

Foi o encontro com o pensamento de alguns poetas dos nossos dias que nos serviu de ponto de partida para um acordar para as consequências da nossa qualidade de seres livres e responsáveis. Será ainda, através da mensagem de um poeta, Carlos Queiroz, cuja voz, apesar de já se ter calado há alguns anos, continua a representar em nós, que perguntaremos a nós próprios, se já alguma vez se travou entre nós e Deus este diálogo:

Fundação Cuidar o Futuro

M
A
G
I
A

D
O
T
E
M
P
O

«Que fizeste das horas que eu te dei?»
— Todas as noites, quando vou deitar-se,
Esta pergunta ouço, o alarme
De sabê-la d'Aquele que olvidei.

Perdão, Senhor! e rompo a lamentar-me:
As horas que me deste, se as gastei,
Foi como se as perdesse: — não cheguei
Nunca sequer, meu Deus, a encontrar-me.

Se passaram por mim ou eu por elas,
Foi como numa fluída sonolência
Cheia de não saber-me e não sabê-las.

Quando a manhã procuro, a tarde vence-a
E quando quero estar só, há estrelas
E a Tua voz, Senhor, na consciência.

Carlos Queiroz



MARIA IDALINA PEREIRA

ARTES

Um artista pode dedicar-se à pintura ou escultura pelo gosto de linhas, cores, por sensibilidade às formas, pela preferência do trabalho de determinados materiais. Contudo, na necessidade primária de fazer, está implícita uma finalidade não menos essencial, o desvendar da obra realizada: «O desejo que tenho de ver as minhas obras utilizadas mostra bem que me esforço, não apenas por exprimir os meus próprios sentimentos e emoções para minha própria satisfação, mas também por comunicar estes sentimentos e estas emoções aos meus semelhantes (1)». Há uma real necessidade de transmissão do que se viveu, sentiu e exprimiu.

Mas será realmente comunicação? Estará o público convenientemente despojado de ideias feitas para captar a realidade expressa em linguagem de pintura ou escultura?

Deve o artista, ao fazer pintura ou

escultura, ir de encontro às necessidades do público, ou criar de acordo com a sua inspiração e consciência?

Um factor pesa bastante a favor da segunda hipótese. O homem comum chegou ao nosso século com uma sensibilidade pouco criteriosa. É o legado de uma época em que o pensamento se desenvolveu notavelmente, mas não secundado pelo desenvolvimento paralelo da sensibilidade. A situação originou um perigoso desequilíbrio, que aceitou como obras válidas o que era apenas a transposição, melhor, o decalque de figuras literárias, estranhas à pintura. O conteúdo de uma obra de arte transmite-se através da linguagem própria do meio de expressão que utilizamos, e não através da inclusão forçada de elementos estranhos. A poética de um pintor comunica-se em **pintura** — a afirmação parece pleonástica, mas é uma realidade muitas vezes esquecida.

De modo equivalente — a pintura deve ser vista como **pintura**, com a sensibilidade, através da contemplação. Como diz Feuerbach: para entender um qua-

(1) Henry Moore «Le sculpteur dans la société contemporaine.

dro precisamos de uma cadeira.

Contudo, em virtude do crescente interesse pela arte das últimas gerações, as relações entre o artista e o público têm vindo a melhorar. No entanto há ainda mais alguma coisa a fazer nesse campo, que pode contribuir para um bom entendimento: a par de conferências, exposições, artigos na imprensa, podemos pensar na possibilidade de visitas a «ateliers», para contacto mais pessoal entre o artista e o público, não esquecendo o importante carácter informativo (como testemunho, não como substituto) da difusão de reproduções de artistas actuais. No entanto o traço de união mais sério, mais enquadrado na vida, entre uns e outros, será sempre a arquitectura.

E no campo da arquitectura, em que me movimento melhor, gostaria de consciencializar um problema que tem estado latente através destas palavras, e que é também da pintura e da escultura.

È a arquitectura a arte de construir, criando uma especialidade em ordem a função determinada, com intenção plástica. Esta definição esboça já a questão — devemos pensar fazer arte pela arte, ou arte social? Dualismo que se põe no campo da arquitectura como: — arquitectura orgânica e funcional ou arquitectura plástica procurando formas ideais?

Cada solução depende do programa, em que intervêm numerosos factores: função, meio físico, materiais, época, cálculos, recursos financeiros. E se a solução porque optamos deve satisfazer as questões postas por cada um destes factores, há em cada escolha entre duas



THEODOR ROSZAK — O pássaro de fogo

soluções possíveis, uma intenção plástica que é fundamental. Cada pequeno pormenor é solucionado em ordem a um conjunto ante-visto, cada problema plástico, cada questão proposta, serão satisfeitas dentro de uma intenção plástica, de uma poética própria de cada arquitecto, sem a qual não haverá arquitectura válida.

As tendências actuais não só no campo da arquitectura, com a procura de boas soluções funcionais a par de uma constante preocupação estética, mas ainda no campo da pintura e da escultura, com o testamento de um conteúdo que só se revela, só se exprime, só vive, através de uma linguagem pictural ou escultórica, de características próprias, orientam-se no sentido de uma integração real de correntes que por vezes se opuseram, em ordem a uma harmonização adequada de forma-conteúdo.

MARGARIDA LOBO



organizações internacionais católicas

pelo Dr. FERNANDO DA SILVA MARQUES

Se, a Igreja, por natureza universal e católica, acolhe no seu seio os que se reclamam das culturas e civilizações mais diferentes, das terras mais distantes, e como tal sempre esteve presente nas relações entre povos, deste século, e de hoje, em particular, é o desabrochar no plano da vida internacional das organizações católicas que reúnem os leigos de todos os horizontes geográficos e culturais.

As Organizações Internacionais Católicas, cujo número já atinge hoje a quarentena, representam no plano internacional as profissões, as classes sociais e as especialidades mais díspares: os patrões e os operários, as enfermeiras e os jornalistas, os intelectuais e os desportistas, os militantes de A. C. e as assistentes sociais, os marinheiros e os agricultores. Tal diversidade melhor se observa se tentarmos uma ligeira classificação.

Assim, teremos, em primeiro lugar, organizações internacionais de Acção Católica: homens, mulheres, juventude masculina, J.O.C. Internacional, J.A.C. Internacional. Todas estas organizações são movimentos de massa. Embora se trate de instituições mais particularmente eclesiais, podemos ainda incluir

nesta categoria as congregações marianas, o laicado missionário e as próprias organizações de caridade (Conf. de S. V. de Paulo, Conferência Internacional das «Caritas» Católicas).

Em segundo lugar, encontramos as chamadas organizações especializadas, que têm como objectivo, por exemplo, a luta contra o alcoolismo, a protecção à rapariga, a formação religiosa, a defesa dos direitos da criança, o auxílio aos emigrantes, a difusão da mensagem cristã (cinema, rádio, imprensa).

Existem ainda organizações representativas de categorias sociais ou profissionais: a dos intelectuais — **Pax Romana** — com os seus diferentes ramos especializados, a das universidades, a das enfermeiras, a dos professores, etc.

A maior parte destas organizações são de recente data — as poucas que viram a luz internacional no período entre as duas guerras mundiais, tiveram entretanto que rever a sua estrutura. São, portanto, organizações jovens, cujo âmbito geográfico se tem vindo, continuamente, a alargar. A princípio de carácter exclusivamente europeu e implantadas nas velhas cristandades tradicionais, as O.I.C. adquirem agora dimensões mais universais. Só em



1945, instalaram-se em países da América Latina 11 organizações internacionais católicas, ultrapassando assim as fronteiras europeias. Por outro lado, deixando de procurar exclusivamente o acolhimento das velhas cristandades, começaram a instalar-se em países de minorias católicas: nesse mesmo ano de 1954, estabeleceram-se 4 na União Indiana, 3 na Indonésia, 4 no Taganica e Urundi; ao mesmo tempo 21 O.I.C. organizaram deslocações dos seus dirigentes para fora da Europa.

Sinal, também, desta expansão geográfica, é a organização de Congressos das Organizações, nos pontos mais diversos do Globo. Por exemplo, em 1956 e 57, o B.I.C.E. teve o seu Congresso no Canadá, a Protecção à Rapariga no México, a U.M.O.F.C. na Colômbia, o Centro Intern. de Formação religiosa e

das O.I.C.:

«A tentação — e o perigo — seria constituir organizações - fortalezas que vivessem mais ou menos à parte da vida internacional considerada no seu conjunto. Não existem apenas os católicos que estão agrupados nas O.I.C.; há também os católicos dispersos nas organizações neutras. Não são apenas os **nos**sos direitos ou as **nos**sas ideias que têm de ser defendidos; há também os direitos dos outros e que fazer triunfar o bem comum».

Em vez de se fecharem numa estéril auto-suficiência, as O.I.C. procuram conquistar uma «presença activa e positiva no campo internacional». Não bastam as considerações teóricas, nem a boa-vontade, é preciso competência e capacidades construtivas.

Aquela presença activa e positiva



Fundação Cuidar o Futuro

«Unidade... na diversidade»

Delegadas de Portugal, Hong-Kong, Japão, Índia, Formosa e Viet-nam, à A. Interfederal de Pax Romana, Manila, 1959



a J.O.C. em África, a Pax-Romana no Médio-Oriente, etc., etc.

A propósito da participação das O.I.C. na vida internacional, lê-se na brochura «Les catholiques dans la vie internationale», organizada pela Conferência

tem-na conseguido muitas O.I.C., nos últimos anos, especialmente graças ao «estatuto consultivo», que dá às organizações não governamentais a possibilidade de serem ouvidas por determinados organismos internacionais.

Em que consiste o «estatuto consultivo» das organizações não governamentais?

O artigo 71 da Carta das Nações Unidas dispõe:

«O Conselho Económico e Social pode celebrar os acordos apropriados para consulta às organizações não governamentais que se ocupem de assuntos da sua competência.

Tais acordos podem ser feitos com organizações internacionais e, quando fôr apropriado, com organizações nacionais, depois de consulta ao membro das Nações Unidas interessado».

Ao conceder, por meio do acordo previsto neste artigo, o **estatuto consultivo**, o Conselho Económico e Social faz uma distinção entre as organizações com interesse básico na maior parte das actividades do Conselho — categoria A — e as que visam apenas algumas das actividades do Conselho — categoria B. Outras organizações ficam, por sua vez, a constar de um registo especial para consultas «ad hoc».

Gozam de «estatuto consultivo» (categoria B) junto do Conselho Económico e Social da O.N.U. nove O.I.C.: União Católica Internacional do Serviço Social, Bureau Intern. Catól. da Infância (B.I.C.E.), Comissão Internacional Católica para as Migrações, União Internacional da Imprensa Católica, Caritas Internationalis, Pax Romana (M.I.E.C. e M. I. I. C.), União Mundial das Organizações Femininas Católicas (U.M.O.F.C.), Federação Mundial das Juventudes Femininas Católicas, J.O.C. Internacional.

Limitando-nos, para não nos alongarmos muito, às organizações agora citadas, podemos verificar que igualmente mantêm relação com outros organismos internacionais. Por exemplo, o B.I.C.E. goza de estatuto consultivo junto da U.N.E.S.C.O. e da U.N.I.C.E.F.; a J.O.C. internacional além de possuir estatuto consultivo junto da UNESCO, está na lista especial do BIT; a Caritas Internationalis goza também de estatuto consultivo junto da UNICEF e da FAO.

Vejamos, agora, como é que as O.I.C. que dele gozam, se servem do «estatuto consultivo». A brochura já referida elucida-nos desta maneira:

«O exercício do estatuto consultivo é tarefa difícil. Pressupõe um pessoal especializado, consultores temporais ou permanentes para tomarem parte nas reuniões, um conhecimento profundo dos meios internacionais, a consulta de numerosos documentos, a arte de defender uma causa em intervenções escritas ou orais. Os resultados nem sempre estão à altura dos esforços dispendidos. Nem sempre são facilmente visíveis. Mas neste campo em que contam todas as influências, o maior mal é a ausência, mal que, a final de conta, custa muito caro.

Muitas vezes as comunicações a essas instâncias, distribuídas juntamente com as anotações das Nações Unidas e dirigidas aos Estados-membros, são tomadas em consideração. É evidente que a presença de católicos na Comissão de População [do Conselho Económico e Social] amortece o impulso dos partidários fanáticos do Birth Control e que

a vigilância das O.I.C. em face do projecto lançado pela UNESCO de uma história cultural e científica da humanidade deu origem a modificações das intenções primitivas. É evidente ainda que as intervenções sobre a educação de base, junto do mesmo organismo, e a publicação duma excelente brochura sobre o assunto contribuíram para pôr em foco o contributo dos missionários. [...] As comunicações, a participação nos trabalhos das comissões, as cartas enviadas às delegações governamentais que partem para uma conferência —

quando têm por trás de si a autoridade duma organização activa e competente — todos estes meios são eficazes, a longo prazo.

Não é uma acção fácil a acção internacional, sobretudo quando é preciso encontrar dirigentes permanentes, técnicos disponíveis, delegados ou consultores para as reuniões mais importantes. Também não se trata de uma acção fulgurante ou espectacular. Exige muita paciência, e um esforço tenaz e silencioso».



a mulher no mundo rural

(Continuação da página 15)

portar, faça chuva ou faça sol, frio ou calor, nem sempre sem inconvenientes para a saúde feminina; como não esqueçamos também o tempo gasto nessas idas e vindas, o desperdício que assim se verifica das potencialidades de trabalho e de cultura da mulher rural portuguesa.

O uso da electricidade na habitação — seja ele medido pela quota parte da população que dela beneficia, seja medido pela capitação de consumo de energia eléctrica — é considerado, nos dias de hoje, como um dos índices que melhor traduz a expansão do Progresso.

Em fins de 1950, ainda 14 concelhos não dispunham deste meio de iluminação que por todo o mundo se vai generalizando, tendo de recorrer porventura as suas populações à tradicional can-

deia de azeite; na mesma data eram ainda 250 os concelhos onde mais de metade das famílias não dispunham de electricidade, em 194 concelhos esta não beneficiava sequer 20 % das famílias totais e em 119, menos de um décimo das famílias dispunha, ao tempo, de energia eléctrica em suas casas.

Hoje por certo, decorridos que vão dez anos desde o último recenseamento, o panorama é bem melhor, menos sombrias as trevas, mais generalizado o Progresso — a medir-se este somente pela percentagem de famílias dispondo de electricidade em casa — no mundo camponês. A electrificação rural, que agora procura ensaiar os seus primeiros passos, trémulos ainda do verdor dos anos, acabará por fazer extinguir a luz mortíça das candeias, e estas cobrir-se-ão de pó nalgum recanto perdido lá do sótão, irão enriquecer o património de algum museu ou bem ainda companhia fazer a outras velharias nas prateleiras de um antiquário macilento e triste.

Mas a electricidade, para além do papel que lhe cabe na iluminação serve ainda, através de um grande número de aparelhos para o aquecimento das habitações, para a distração e cultura do espirito, para todo um equipamento enfim que nas camadas mais ricas dos povos pobres ou nos países económica e socialmente mais evoluídos vai constituindo uma preciosa ajuda da dona de casa em seu trabalho do dia a dia.

4. O problema da criação e educação dos filhos.

Antes de darmos por findas estas considerações não queremos deixar de nos referir, embora em linhas necessariamente gerais, à apaixonante mas quantas vezes ingrata tarefa que também a mulher rural, como Mãe, é chamada a desempenhar: a criação e educação dos filhos.

É vulgar dizer-se que no Campo a natalidade — seja ela medida em relação à população total pela taxa de natalidade, seja, em relação à população feminina em idade de procriar, pela taxa de fecundidade, ou se avalie ainda, e talvez melhor, pela taxa de fecundidade segundo a idade — que a natalidade no Campo, como fomos dizendo, é maior do que a verificada na Cidade. E se é verdade a tese de ser «no ambiente rural que se conservam os melhores instintos de uma raça: «nesso ambiente fechado, submetido a uma inter-acção social restrita, contínua e profunda, onde uma população homogénea elaborou um teor de costumes e de tradições que é respeitado sem que se introduzam bruscas alterações na serena vida quotidiana» (6), pena é que, solicitadas por um trabalho contínuo e inadiável ao longo do ano, as mulheres casadas dos nossos Campos não possam dedicar aos filhos as atenções que tão necessárias lhes são.

E quantas desgraças se ficam devendo a este abandono...

Trabalhando nas duras condições que temos vindo a referir — autêntica «serva da gleba» na

era da mecanização dos campos e da difusão de todo um equipamento doméstico que tanto a pode auxiliar no trabalho da casa — como pode exigir-se-lhe, depois de um dia de contínuo lidar, que preste a devida assistência aos filhos?

Bem desejaríamos que em parte, pelo menos, as iniciativas promovidas noutros países para auxílio das mulheres demasiado sobrecarregadas se viessem a difundir entre nós, como a assistência doméstico-social em determinadas ocasiões, nomeadamente nos períodos de ponta de trabalho agrícola, por alturas de parto ou quando sobrevem a doença; a existência de centros de puericultura; o fornecimento de refeições na escola; a organização de jogos e outras actividades instrutivas e educacionais fora das horas de classe.

Estamos em crer, todavia, não ser em muitos casos apenas a pobreza de recursos materiais o obstáculo a uma melhor organização da vida da camponesa, mas também questões de mentalidade a que se prende a libertação da mulher de muitos dos trabalhos a que desde séculos se encontra ligada. Problemas de mentalidade, estes, que pouco a pouco terão de ser resolvidos, se o mundo rural não quiser permanecer agarrado a estruturas arcaicas mas antes, colaborando ele próprio na sua transformação, quiser, conforme diz algures Drogat, «integrar-se plenamente, segundo as suas leis particulares, no ritmo da «evolução moderna».

Esta adaptação às ideias novas pressupõe um nível de instrução e cultura que normalmente a mulher dos nossos Campos não possui e que, nos povos evoluídos, constitui um elemento chave para a boa aceitação e melhor aproveitamento de uma assistência agrícola e doméstica eficazes.

Mas, se a mulher «partilha com o homem a grande responsabilidade da renovação rural» e «representa (...) uma força de rotina ou de progresso» (7), não serão inúteis todos os esforços conjugados que fizermos para que a mulher dos nossos Campos ajude a construir a Sociedade Rural do dia de amanhã.

Maria Luísa Mercês de Mello de Alarcão

(6) Eugénio de Castro Caldas — Problemas da Sociologia Rural, pp. 47 e 48, in I Curso de Sociologia Rural, 1956, edição da J.U.C. de Agronomia, Lisboa.

(7) N. Drogat — Civilisation Rurale de Demain, p. 133, 1950. Collection «Semailles», Editions Spes, Paris.

DÚVIDAS SOBRE BÍBLIA



Secção dirigida pelo Cónego Gregório Neves

1. Como se entende que, sendo Nossa Senhora tão discreta que nem a S. José revelou o segredo da Sua maternidade, fosse contar a S. Lucas pormenores tão íntimos sobre a Anunciação? (M. M. C. — Lisboa).

É uma passagem do Evangelho de S. Mateus (1, 18-21) que nos dá a entender que Nossa Senhora guardou, mesmo para com S. José, nos primeiros tempos, segredo acerca da Sua maternidade divina. Outras passagens dos Evangelhos (designadamente Luc. 2, 19 e 2, 51) mostram-nos também, noutros momentos da sua vida, a discreção de Maria que, no silêncio, «conservava cuidadosamente todas estas lembranças e meditava-as no Seu coração» (Luc. 2, 19). São, de resto, raras as palavras de Nossa Senhora que aparecem citadas pelos evangelistas, e parece-nos bem significativo destacar que é um hino de louvor a Deus, transbordante de alegria, de gratidão, de fé e de esperança (o **Magnificat** — Luc. 1, 46-55), a fala mais longa, que os Evangelhos registam, atribuída a Nossa Senhora, que sentimos como verdadeira explosão de Amor da criatura em face das maravi-

lhas que o Criador n'Ela operou.

Para desfazermos a dúvida posta, temos, pois, de ter presente que Maria está intimamente ligada ao plano de Deus que se realiza por Cristo, Seu Filho, em relação à humanidade, e que, por isso mesmo, ninguém mais directamente do que Ela serve a missão do Filho e acompanha os destinos da Revelação que por Ele se transmite aos aos homens. Por isso, Nossa Senhora não revela — não podia ir revelando — coisa alguma senão na medida em que Deus queria, e pelos meios que Ele queria, que se fossem desdobrando aos olhos da humanidade os pormenores da Mensagem que lhe tinha enviado por Seu Filho. Nenhuma criatura estava, mais perfeitamente do que Nossa Senhora, em condições de ir acompanhando, com inteira fidelidade, os desígnios de Deus.

Ora, relativamente à Anunciação, ve-

mos, que Deus quis dar a conhecer a José por intermédio de um Anjo o que se passava com Maria; o desígnio de Deus não deixou de realizar-se, desse modo.

Creemos assim, não haver motivo para nos admirarmos de que, só no momento

de confiar ao evangelista os dados necessários à elaboração da sua narrativa Nossa Senhora tenha querido sair do silêncio, tão fecundo e expressivo, em que, por tantos anos, se mantivera «guardando fielmente todas essas lembranças no seu coração» (Luc. 2,51).

2. Como se explica o que diz S. Lucas a propósito da Apresentação de Jesus no Templo: «E Seu Pai e Mãe estavam admirados das coisas que d'Ele se diziam»? Admirados, porquê? Eles não sabiam que Jesus era Deus? As palavras de Nossa Senhora, quando encontrou Jesus no Templo, ainda parecem mais estranhas, sobretudo por causa do que diz o evangelista: «E eles não entenderam o que lhes disse». (M. M. C. — Lisboa).

Para compreendermos as passagens em questão (Luc. 2, 33 e 2, 50), devemos ter presente que mesmo Nossa Senhora não terá recebido, de uma só vez, toda a plenitude da Revelação que mal permitisse penetrar, antecipadamente e em todos os pormenores, o sentido e o alcance de todos os aspectos do plano de Deus relativamente à missão de Seu Filho entre os homens. Ela foi associada a esse plano num grau incomparavelmente mais íntimo do que qualquer outra criatura, o que porém não significa que lhe tivesse sido dado, de uma só

vez, desvendá-lo tão completamente que desde logo ficasse em condições de compreender e interpretar todos os mistérios de Deus.

Assim, não deverão surpreender-nos as frases citadas que nos dão a entender que, naquela ocasião, Maria não teria ainda abrangido, em toda a sua extensão e profundidade, todos os aspectos que implicava a realização da missão com que Jesus tinha sido enviado ao mundo pelo Pai.

M. CELESTE VAZ DE SOUSA

«Com quanta mais pureza estudamos no Novo Testamento, a figura augusta da mãe do Senhor, tanto melhor compreenderemos e viveremos a grandeza da verdadeira vida cristã.

Foi ela que trouxe o Senhor no mais íntimo de si mesmo, através toda a sua vida e até à morte. Continuamente deve ter visto elevar-se acima dela, longe dela aquele que vivia do próprio mistério de Deus. Mas sempre pela Fé, se ergueu com ele, sempre junto dele, até morte, de pé junto da cruz.»

autor de hoje

Albert Camus



Se a Academia Real de Estocolmo ao conceder em 1957 o Prémio Nobel de Literatura houvesse pretendido galardoar Camus, o biógrafo do homem seu contemporâneo, não podia ter escolhido autor que mais justificadamente o merecesse. Com uma infinita amargura, tanto mais dolorosa quanto privada de resposta sobrenatural, o autor aplicou-se ao longo de toda a sua obra a surpreender o dramático isolamento do Homem no mundo. Nas novelas de que se compõem «L'Exile et le Royaume», «L' Envers et l' Endroit», assim como em «La Chute», os protagonistas erguem-se ou debatem-se na solidão. Solidão que provém do cansaço e do hábito; solidão nascida e fortalecida pela consciência da oposição que levanta o homem contra os outros homens na luta feroz de julgar para não ser julgado; solidão do homem face a face com a sua culpa e o seu desespero; solidão dos incompreendidos e dos que perderam o direito à compreensão e ao interesse alheios; ou solidão colectiva dos que desistiram finalmente de esperar, eis a nota constante que antes de qualquer outra nos penetra na alma.

Muito contribuirá para a acentuar a própria forma estilística de algumas dessas novelas, em particular «Le Renégat» e «La Chute», longos monólogos dirigidos a um interlocutor não personificado que exprimem de modo incomparável a necessidade sôfrega de comunicar com alguém sem lhe exigir em troca mais do que uma parcela mínima de atenção.

E por isso uma primeira leitura apressada de Camus conduzirá certamente ao pessimismo.

Mas após reflexão mais atenta poder-se-ão descortinar outros valores de sinal positivo. Em primeiro lugar, o facto de o Homem que está sozinho, avistar uma linha de horizonte: Os títulos de certas novelas são a esse respeito bastante

significativos: «O Exílio e o Reino», «O Averso e o Direito», «Entre o Sim e o Não». Contudo esse horizonte não representará, note-se bem, uma aspiração religiosa (em Camus há, pelo contrário, uma espécie de irritada prevenção contra o problema religioso em geral e contra o Catolicismo em particular), e assim o olhar do Homem que sofre, apela para uma solidariedade meramente humana que o acolha e o integre: aí estarão o Reino, o Direito, o Sim.

Em «La Peste», o mais conhecido dos romances de Camus, volta a repetir-se o mesmo tema, neste caso concretizado na cidade contaminada, fechada a qualquer contacto com o mundo exterior, e dentro da qual um pequeno grupo de homens se esforça por atingir um objectivo comum: debelar a epidemia, libertando assim os habitantes do burgo. Tem-se interpretado este romance como sendo uma transposição simbólica da França reduzida à servidão durante o período da ocupação nazi; esta seria assim a verdadeira «peste» enquanto que a luta pela reconquista de uma ligação entre os isolados e os restantes seres humanos, representaria o movimento da Resistência. Para outros o significado alargar-se-ia à dimensão existencial, e a «peste» seria o nome dado à própria vida, dentro da qual o Homem anda exilado, ameaçado e condenado a uma destruição. Mas é evidente que se trata de um ângulo de visão extremamente pessimista, porque embora o sofrimento e o mal constituam um problema angustiante que não encontra na obra de Camus solução cristã, existe nela, apesar de tudo um belo sentimento de confiança e de amor do qual não temos o direito de duvidar, uma vez que nos aparece como afirmação expressa do autor, ao escrever o prefácio à 2.^a edição de «O Averso e o Direito»:

«... o belo calor que dominava a minha infância privou-me de qualquer ressentimento. Vivía na penúria mas também numa espécie de regozijo.» E mais adiante: *«Como artista, por exemplo, comecei a viver na admiração, o que, em certo sentido, é o paraíso terrestre. (Sabe-se que hoje, o uso, em França, para estreia nas letras, e até para nelas acabar, é, pelo contrário, escolher um artista para ridicularizar). Do mesmo modo as minhas paixões de homem não foram nunca «contra» os seres que amei, foram sempre melhores e maiores do que eu. A pobreza, tal como a vivi, não me ensinou portanto, o ressentimento, mas pelo contrário, uma certa fidelidade e muda tenacidade. Se me aconteceu tê-lo esquecido, só eu ou os meus defeitos somos disso responsáveis e não o mundo em que nasci.»*

Parece-nos fruto ainda desse amor à pobreza que o autor confessa, o seu estilo tão desataviado e claro onde não há habilidades literárias e que pode, por isso mesmo, correr fluído na sua transparência.

Em conclusão deste breve apontamento, acrescentaremos apenas que se Albert Camus foi, sem dúvida, um grande na literatura dos nossos dias, só o erro e o seu lamentável parcialismo a que não soube eximir-se, nos impedem de o considerar ainda maior.

MARIA ISABEL MENDONÇA SOARES

Pax Romana em Portugal

A Assembleia Interfederal da PAX ROMANA (M.I.E.C.) de 1960 terá lugar em Lisboa, de 10 a 22 de Agosto próximo.

A Assembleia compreenderá duas partes principais: a primeira tratará da formação do estudante, do papel das federações do M.I.E.C. (Movimento Internacional dos Estudantes Católicos) na formação dos seus membros como dirigentes ao plano nacional e internacional, e como PAX ROMANA pode ajudar as federações nesta sua missão. A segunda parte da Assembleia tratará dos problemas administrativos do Movimento e estudará o programa de acção para 1960-1961, ano da celebração do quadragésimo aniversário de PAX ROMANA.

São esperados cerca de 100 dirigentes, vindos de todas as partes do mundo, os quais farão também uma peregrinação a Fátima, nos dias 14 e 15 de Agosto.



